

DAS (RE)CRIAÇÕES E (RE)LEITURAS NO UNIVERSO DAS FANFICTIONS: O LEITOR COMO PRODUTOR DE SENTIDOS.

Miriane Pereira Dayrell Souto (PPGLET/ILEEL/UFU)
mirianedayrell@hotmail.com

Tatiele da Cunha Freitas (PPGLET/ILEEL/UFU)
tatielefreitas@gmail.com

Resumo: Macedonio Fernandez, autor hispano-americano, dialoga com o pós-modernismo ao propor o apagamento de fronteiras, colocando o leitor como co-autor de sua obra, levando esse posicionamento ao extremo, quando sugere que seu próprio nome seja retirado da recriação derivada de sua ideia. Sendo a pós-modernidade uma época marcada pela “diversidade, [...], a heterogeneidade dos discursos [...] e a multiplicidade do sentido, a pluralidade de formas de atuar e de ser, a flexibilidade, [...] a desconexão e a aleatoriedade (MEDINA CANO, 2010, p.503, tradução nossa), cobra da nova geração de leitores uma postura diferente, uma relação de maior interação com o texto lido. E um fenômeno que ilustra essa proposta de Macedônio Fernandez é o fenômeno das *fanfictions* (ou fanfics). O termo designa a ficção feita por fãs, sem caráter comercial ou lucrativo, a partir de uma determinada história criada por terceiros. Trata-se do leitor que assume voluntariamente o papel de produtor de sentidos, ao recriar uma história a partir daquela já existente, inserindo personagens, redefinindo finais ou mesmo transportando a ideia do enredo para uma realidade alternativa. Dessa forma, pretendemos, a partir das premissas de Macedônio Fernandez, assim como da perspectiva pós-moderna, discutir acerca das *fanfictions* e de que forma a nova geração de leitores interage com aquilo que lê, além de refletir sobre como ocorre a recriação de significados.

Palavras-Chave: *Fanfiction*, Pós-modernidade, interação, recriação.

“Deixo-a [a obra] livro aberto: será o primeiro <<livro aberto>> na história literária, quer dizer que o autor, desejando que fosse melhor, ou mesmo bom, e convencido de que por sua destroçada estrutura é uma temerária torpeza com o leitor, mas também rico em sugestões, deixa autorizado a todo escritor futuro de bom gosto e impulso e circunstâncias que favoreçam um intenso trabalho, para corrigi-lo o mais acertadamente, que possa e editá-lo livremente, com ou sem menção de minha obra e nome. Não será pouco o trabalho. Suprima, corrija, mas que, dentro do possível, fique algo” (FERNANDEZ 2007, p.253, tradução nossa).

1. INTRODUÇÃO

O trecho usado como epígrafe pertence ao livro *Museo de La novela de La eterna*, do autor hispano-americano *Macedonio Fernandez*, influência de escritores como Borges e Cortázar. Esse livro foi lançado em 1967, quinze anos depois da morte do autor. Com ele gostaríamos de iniciar a nossa reflexão, visto o diálogo que permite com a pós-modernidade e a cultura pós-moderna. Sabemos que a pós-modernidade é um fenômeno cultural de descrição imprecisa, ainda que seja abordado amplamente nos mais variados contextos acadêmicos. As reflexões sobre sua origem, bem como das causas que a geraram, estão ainda mais permeadas de questionamentos que de soluções, no entanto, torna-se difícil negar que estamos diante de uma nova sensibilidade e de uma nova maneira de organizar o mundo, em que passamos a valorizar a multiplicidade, a pluralidade, a flexibilidade, o fluxo, a descontinuidade e a aleatoriedade. A pós-modernidade tornou-se uma concepção de mundo que está transformando totalmente o caráter da experiência cotidiana.

Havendo um abandono dos valores transcendentais próprios da modernidade, em favor dos valores imediatos e cotidianos, notamos que a cultura derivada dessa época não está relacionada às instituições consagradas que determinam a cultura e o saber, mas está intrinsecamente ligada ao que se chama de “grandes massas”. O professor Federico Medina Cano (2010), ao estudar sobre a cultura pós-moderna na América Latina, nesse ponto concorda com Jameson (1991) quando este afirma que o pós-modernismo é considerado um triunfo do “populismo estético”, de um gosto que não é culto, proveniente da indústria cultural.

Por sua vez, Benjamin (1987) no texto “A obra de arte e sua reprodutibilidade técnica”, observa que a cultura não deve ser apropriada pelos eruditos, pois a cultura de massas possui um papel subversivo, mesmo mantido em um “quintal intelectual” por meio de uma visão estigmatizada de que os espectadores são passivos. Uma das grandes marcas da cultura de massas é justamente a capacidade para “integrar discursos” e para a “reciclagem”, conforme aponta Michel de Certeau em sua obra *A invenção do cotidiano* (1994), ao estudar as práticas cotidianas da cultura de massas, mostrando sua flexibilidade e capacidade de adaptação – a que chamou de “táticas”. E são essas habilidades que fazem com que a cultura de massas seja vista como ameaçadora. Benjamin (1987), já mostrava o fim da singularidade e da “aura” da arte no contexto de sua reprodução mecânica.

E a epígrafe de Macedonio nos propõe exatamente um apagamento de fronteiras, de limites, colocando o leitor como co-autor de sua obra, levando essa posição ao extremo,

quando sugere que seu próprio nome seja retirado da recriação derivada de sua ideia. O autor, assim como o pós-modernismo, cobra da nova geração uma postura diferente, mais interativa com o texto lido. É um fenômeno que ilustra bem essa proposta de Macedonio Fernandez, além de possuir essas características das quais fala Michel de Certeau (1994) e Benjamin (1987), já mencionadas, é o fenômeno das *fanfictions* (ou *fanfics*). É importante ressaltar que as *fanfictions* não são um fenômeno atual, mas que foi largamente impulsionado pela popularização da internet, sobretudo na década de 1990.

2. AS FANFICTIONS E A CULTURA DE FÃ

De acordo com LUIS (2009, p.1) o termo “cultura participatória” (derivado do inglês *participatory culture*) “é utilizado para identificar uma subcultura na qual fãs de produtos culturais se apropriam de conceitos e personagens sem preocupação com direitos autorais ou restrições legais, na intenção de criar novos produtos derivados”.

Essa subcultura não é nova, mas adquire uma grande abrangência com a internet que permitiu a divulgação em larga escala de *fanzines* (revistas em quadrinhos), *fanfictions* (textos), *fanfilmes* (produções audiovisuais) para citar alguns dos seus produtos derivados. Sobre a cultura participatória, afirma Harry Jenkins, (apud, SAMPAIO, 2011, p.4) um dos precursores no estudo sobre a cultura de fã:

A expressão cultura participativa contrasta com noções mais antigas sobre a passividade dos espectadores dos meios de comunicação. Em vez de falar sobre produtores e consumidores de mídia como ocupantes de papéis separados, podemos agora considerá-los como participantes interagindo de acordo com um novo conjunto de regras, que nenhum de nós entende por completo. (2006, p.30).

Falando especificamente sobre as *fanfictions*, o termo – para o qual também usa *fanfic*, ou, ainda, *fic* – designa a ficção criada por fãs, sem caráter comercial ou lucrativo, a partir de uma determinada história criada por terceiros. As proposições de que parte o escritor (ou *ficwriter*) para criação de uma *fanfic* são infinitas, podendo ser a justificativa de um aspecto da história original em que ele se inspira; a exploração de alguns personagens dessa trama (geralmente aqueles com os quais o *ficwriter* mais simpatiza); a alteração de certos acontecimentos e desfechos dentre outras. Da mesma forma, o universo que serve de inspiração (ou *fandom*, uma junção dos termos *fan* e

kingdom) para uma *fanfic* pode ser qualquer um e pertencer aos variados âmbitos. Predominantemente, observamos que esse *fandom* está relacionado aos produtos da indústria cultural, como best-sellers, sucessos de bilheteria, seriados de TV, desenhos animados e histórias em quadrinhos.

É interessante pensar que, na grande maioria dos casos, as *fanfics* estão associadas ao *hobby* literário, ao escrever por prazer, e seus adeptos são pessoas que, voluntariamente, passaram de meros consumidores de histórias a coautores, expandindo aquele universo original de maneira a fazer com que a interação com ele dure mais, ou, de maneira a sanar alguma insatisfação com algum aspecto da história, algo que não lhe pareceu ser devidamente desenvolvido. O processo de criação se dá por meio da reciclagem e da atualização constante da obra original, e mostra como esses consumidores da cultura de massas não estão em um consumo passivo e alienante, mas, dentro de suas próprias possibilidades, e que às vezes são muito limitadas, estão assumindo o papel de produtores de sentidos, de “ressignificadores”, ao buscar no *fandom* motivos, brechas, deixas, explicações e possibilidades que justifiquem a escrita de suas *fanfics*, fazendo-o por meios das “táticas” (usando a terminação proposta por Certau) ao “se moverem” dentro da escrita de uma maneira empírica, muitas vezes, sem o mínimo conhecimento de qualquer recurso literário.

Com relação aos direitos autorais, geralmente, considera-se que escrever uma *fanfic* não constitui uma violação de propriedade intelectual desde que a obra não seja comercializada e nem vise lucro, tendo em conta que existe uma interpretação da lei em que apenas é classificado como pirataria o material derivado comercializado, por meio do qual se obtenha lucro. Ainda assim, juristas recomendam que o *ficwriter* acrescente no início do texto uma pequena nota legal (chamada *disclaimer*) declarando quem realmente é o detentor dos direitos autorais, além de esclarecer que a história em questão não pretende obter qualquer forma de ganho financeiro. Além disso, logicamente, os produtores da indústria cultural (com algumas ressalvas de autores, que proíbem terminantemente as *fanfics*) permitem o passatempo, tendo em conta que processar os próprios consumidores causaria rejeição do público alvo. De todas as formas, o objetivo do *ficwriter* não é esconder o *fandom* e o autor em que ele se inspira para escrever, mas enaltecê-los. E tão melhor é o escritor de *fanfic* quanto mais ele consiga manter-se fiel aos aspectos do *fandom* em que se inspira.

Acreditamos que as *fanfics*, de uma maneira geral, sejam tão antigas quanto a própria ficção, originando-se por meio do simples ato de uma pessoa escrever à mão um final

diferente para sua história preferida ou dar um destino diferente a um personagem secundário. No entanto, de acordo com Luis (2009) a origem das *fanfictions* remonta os séculos XVII e XVIII, época em que era comum os escritores se utilizar de personagens de outros autores ou até mesmo criando versões diferentes de um mesmo texto, como aconteceu com *Alice no país das maravilhas*, de Lewis Carroll e com as aventuras de *Sherlock Holmes*, de Arthur Conan Doyle. Todavia, esse hábito terminou sendo apagado com a criação da lei dos direitos autorais e só voltou à tona na década de 1960 com o advento das séries de televisão norte-americanas, que terminou por ganhar seguidores cult, especialmente a série *Jornadas nas Estrelas* cujos fãs produziam um *fanzine* (palavra conformada pela junção das palavras *fã* e *magazine*) mimeografado, na tentativa de divulgar o trabalho de fãs da série.

Não há dados concretos sobre o aparecimento das *fanfics* no Brasil. Acreditamos que o fenômeno tenha se consolidado com a exibição do desenho animado *Cavaleiros do Zodíaco*, em 1994, pela Rede Manchete. Nessa época, algumas revistas especializadas nesses desenhos chegaram a publicar histórias de fãs em seus números. Entretanto, a divulgação das *fanfics* teve maior alcance graças ao fenômeno *Harry Potter* e à popularização da internet que permitiu a divulgação em larga desses textos, além de propiciar a formação de comunidades virtuais, unindo pessoas por suas afinidades e permitindo uma expansão desse público leitor/escritor de *fanfics*.

3. TIPOS DE FANFICTIONS

É difícil classificar qualquer texto ficcional contemporâneo, sabendo que este se apresenta como uma mistura de vários gêneros. No caso das *fanfics* isso é amplificado enormemente, sendo a mistura parte de sua natureza, tendo em conta que o autor mescla uma história original a um contexto pré-estabelecido, faz a junção de universos completamente diferentes, (criando uma única história baseando-se nos *fandoms* de *Harry e Potter*, *Crepúsculo* e *Vampire Diaries*, por exemplo) cria novos personagens que interagem com aqueles que já fazem parte da história “original”, estende a participação de certos coadjuvantes, modifica o enredo, a estrutura e linguagem das histórias utilizadas como ponto de partida. De acordo com a teórica Abigail Derecho (2006, apud SAMPAIO, 2011) alguns estudiosos do tema concebem as *fanfictions* como um subgênero de um gênero literário chamado derivativo ou apropriativo. Entretanto, Derecho (2006) acredita que essas terminologias utilizadas possuem uma conotação

hierarquicamente inferior à obra de referência. Em lugar disso a pesquisadora propõe a utilização do termo *Archontic* utilizado Jacques Derrida e que se refere a “arquivos que estão sempre em expansão e nunca são fechados completamente” (DERECHO, 2006, p. 61, apud SAMPAIO, 2011, p.4). Dessa forma, as noções de hierarquia e repetição dos textos são rejeitadas. Haveria, melhor dizendo, uma polifonia de discursos e pontos de vista, provocando um alargamento dos sentidos que nunca se fecham e nos remetem, por excelência, à noção de “obra aberta” proposta por *Macedonio Fernandez* na epígrafe utilizada para abrir este texto.

Como dissemos antes, essas histórias, escritas por um público heterogêneo, foram se estruturando e se subdividindo de maneira quase empírica, *grosso modo*, distantes das classificações tradicionais. Assim, se formos tentar uma classificação das *fanfics*, esta seguiria uma lógica diferente, misturando conceitos tirados do universo da animação japonesa, da cinematografia, além do uso de terminologias em inglês de cunho indefinido. Tendo isso em conta, podemos considerar que as *fanfics* se categorizam mais comumente da seguinte forma, (ressaltando o fato de que essa proposta de classificação não é exaustiva, apenas se referindo às *fanfics* predominantemente escritas):

3.1 Quanto à extensão:

- I. *Drabble*: *fanfic* escrita com 100 palavras.
- II. *Double Drabble*: é uma *fanfic* com, no máximo, 200 palavras.
- III. *Oneshot*: *fanfic* que contém somente um capítulo (one-shot: um-tiro - por ser uma leitura rápida), seja ele postado de uma só vez ou postado em partes.
- IV. *Shortfics*: *fanfics* breves, escritas em poucos capítulos.
- V. *Longfic/Saga*: *fanfics* longas, escritas em muitos capítulos.

3.2 Quanto à forma:

- I. *Canon*: *fanfics* que seguem o "cânone", ou seja, histórias fiéis à “original”, principalmente em termos de caracterização de personagens e manutenção dos casais (ou *shippings*).
- II. *CrossOver*: *fanfics* em que se misturam *fandoms* diferentes. Ex.: Harry Potter/Star Wars.

III. *Side Story*: *fanfics* curtas que explicam um fato ocorrido em outra *fanfic*, como uma espécie de "bônus". Trata-se de um capítulo que não se encaixa no meio da história original.

IV. *Songfic*: *fanfics* escritas acompanhadas da letra (ou tradução) da música, escolhida pelo autor como trilha sonora. Geralmente são *one-shots*.

V. *U.A. (Universo Alternativo)*: quando a *fanfic* se passa em um mundo diferente daquele criado pelo autor original da série, mas utilizando os personagens já existentes na história, na maioria das vezes buscando não alterar as características físicas e psicológicas das personagens — esse “gênero” de *fanfic* deu origem à saga *50 tons de cinza*.

3.3 Quanto à temática:

I. *Amizade*: *fanfics* sobre amizade em geral.

II. *Citrus*: *fanfics* sobre romance adulto; podem ou não conter cenas de sexo.

III. *Femslash/Yuri*: *fanfics* sobre relacionamento homossexual feminino.

IV. *Lolicon*: *Fanfics* sobre romance entre uma mulher mais nova e uma mulher/homem mais velho(a) — O termo deriva da estória "Lolita".

V. *Slash/ Yaoi*: *fanfic* cujo tema principal concentra-se na relação geralmente amorosa entre dois homens. "Slash" é a palavra em inglês para "barra".

3.4 Quanto aos “avisos”:

I. *Deathfic*: significa que pelo menos uma personagem principal morre.

II. *Fanon*: indica a presença de ideias já propagadas em outras *fanfics* e que se tornaram tão populares quanto à obra original.

III. VII. *Lime/ecchi*: história com cenas de sexo implícito, tanto entre casais heterossexuais quanto homossexuais.

IV. *Hentai ou Restrita*: *fanfics* com cenas explícitas de sexo.

V. *Lemon/Orange*: *fanfics* com cenas explícitas de sexo homossexual (sendo *Lemon* relação entre homens e *Orange* relação entre mulheres).

VI. *OC (Original Character)*: quando a *fanfic* possui alguma personagem original.

VII. *OOC (Out of Character)*: quando a personagem age de forma diferente do habitual.

3.5 Quanto ao estilo:

- I. *Fluffy/waffy*: *Fanfic* extremamente açucarada. Chega a ser mais do que um romance, onde os personagens são carinhosos.
- II. *Mary Sue*: são chamadas de *Mary Sue* (ou *Gary Stu*, na versão masculina) as *fanfics* em que a personagem principal é completamente inatingível.
- III. *Self Inserction*: quando o escritor participa da trama, interagindo com as personagens.
- IV. *Darkfic/ Angst*: *fanfics* abundantes em cenas depressivas, atmosferas sombrias e situações angustiantes. É o contrário das *fanfics* definidas pelo termo "*waffy*".

3.6 Quanto ao “gênero”:

Em relação ao gênero, as *fanfics* seguem a classificação da cinematografia, sendo categorizadas como: romance, comédia, terror, mistério, comédia romântica etc.

3.7 As originais

Existe uma categoria especial para as *fanfics* chamada “originais”. Denominadas por muitos apenas como *fics*, em lugar de *fanfics*, essas histórias não são baseadas em nenhum *fandom*, configurando-se criações desse público também autor de *fanfics*. É um fenômeno curioso, pois, nesse caso, não se está olhando para o fato de uma *fanfic* se basear em uma criação de fãs a partir de uma obra já existente, mas para o fato de os criadores desses originais não visarem qualquer forma de lucro com a história escrita, ampliando, assim, a noção do termo *fanfic*.

4. OS MAIS IMPORTANTES PORTAIS DE FANFICS

Inicialmente, é importante ressaltar que hoje é praticamente impossível contabilizar os sites que se dedicam a publicar *fanfics*, haja vista que milhares de jovens publicam suas histórias de forma descentralizada em blogs pessoais, páginas de grupos de amigos, entre outras. De todas as maneiras há aqueles sites que se destacam e possuem a maior adesão do público. Estes sites são o **Fanfiction.net** (www.fanfiction.net) em um nível global (comportando um total de 2,2 milhões de usuários e histórias escritas em mais de

30 idiomas), o **Floreios e Borrões** (<http://fanfic.potterish.com/>), considerado o mais antigo portal de *fanfictions* do *fandom* Harry Potter, criado em 2002 por fãs brasileiros da série, e o **Nyah! Fanfiction** (www.fanfiction.com.br) no Brasil. Este último é o maior portal de *fanfics* em língua portuguesa, possuindo mais de 120 mil usuários, e onde são postados, diariamente, mais de 800 histórias e mais de 1.100 capítulos. O Nyah! Fanfiction ainda oferece suporte aos escritores como aulas de português e revisores voluntários, chamados também de *beta-readers* que acompanham o escritor não somente na edição textual, mas fazem um trabalho de *copidesque*, ajudando os escritores iniciantes a compor melhor suas histórias.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante ressaltar que a reflexão feita por meio deste texto é apenas introdutória, e ainda há muito a se falar sobre o tema das *fanfictions*, em vários âmbitos. De todas as maneiras, esperamos ter instigado de alguma forma a reflexão acerca dessa temática, pois, afinal, que impulso primitivo leva esses jovens a escreverem? São jovens que, na maioria das vezes, sequer apresentam interesse pela leitura, possuem um vocabulário limitado, assim como os conhecimentos da língua portuguesa e de articulação textual. No entanto, voluntariamente, sem qualquer pressão externa, gastam seu tempo escrevendo e lendo sobre esses universos dos quais estão rodeados, geralmente, como já mencionamos, influenciados pela indústria cultural. E não se trata de um consumo passivo, como já observamos, mas se trata de um processo de recriação, de reciclagem, permeado de táticas para alcançar o objetivo de ter a história composta.

Além disso, esperamos que o texto tenha motivado reflexões sobre os modos de como a pós-modernidade, uma época marcada pela “diversidade, [...], pela heterogeneidade dos discursos [...] e pela multiplicidade do sentido, pela pluralidade de formas de atuar e de ser, a flexibilidade, [...] pela desconexão e pela aleatoriedade” (MEDINA CANO, 2010, p.503, tradução nossa), propicia, para a nova geração de leitores, uma postura diferente, cada vez mais interativa com o texto lido, em que os leitores reivindicam para si, voluntariamente o papel de coautores, de produtores de sentidos, ao recriar uma história a partir daquela já existente, inserindo personagens, redefinindo finais ou mesmo transportando a ideia do enredo para uma realidade alternativa.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: _____. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 165-196 (Obras Escolhidas v.1).

CANO, Federico Medina. La posmodernidad: una nueva sensibilidad. *Escritos*, Medellín, v. 18, n. 41, p. 492-540, 2010. Disponível em: <<http://revistas.upb.edu.co/index.php/escritos/issue/view/112/showToc>>. Acesso em: 25 jul.2012.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

FERNANDEZ, Macedonio. *Museo de la Novela de la Eterna*. 2ª ed. Buenos Aires: Corregidor, 2007.

JAMESON, Fredric. *Ensayos sobre el posmodernismo*. Trad: H. Tarcus, Ed., & C. F. Esther Pérez. Buenos Aires: Imago Mundi, 1991. Disponível em: <<http://www.uruguaypiensa.org.uy/imgnoticias/890.pdf>>. Acesso em: 7 dez.2012.

LUIZ, Lucio. *Fan films e cultura participatória*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 32., 2009, Curitiba. Anais... São Paulo: Intercom, 2009. 1 CD-ROM.

SAMPAIO, Theane Neves. *Estudo de Recepção Através de Fanfiction: Uma Proposta*. In: SEMINÁRIO DOS ALUNOS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL DA PUC-RIO, 8, 2011, Rio de Janeiro. Anais. Disponível em: <<http://pucposcom-rj.com.br/wp-content/uploads/2011/11/Estudo-de-Recep%C3%A7%C3%A3o-Atrav%C3%A9s-de-Fanfiction-Theane-Sampaio-2.pdf>> Acesso em: 12/04/2013.